

DE(S)COLONIZAR CURRÍCULOS DE HISTÓRIA: UM PROJETO DE DISSERTAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA?

Gabrielle de Souza Oliveira¹

¹ *Universidade Federal de Pelotas – gabidesouza.o@gmail.com*

BASES CONCEITUAIS E O REPENSAR DOS OBJETIVOS DE UM PROJETO DE PESQUISA

A colonialidade trata-se de um conceito que define a herança permanente da colonização/colonialismo mesmo após o fim do processo colonial, marcado pelas independências e libertações nacionais. Tal conceito também encontra expressão nos currículos ensinados, sobretudo nos currículos de história. Em seu artigo intitulado “Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos”, Nilma Lino Gomes (2012) se propõe a pensar o processo de de(s)colonização curricular, no qual elabora a hipótese de que a lei n.º 10.639/2003 representa um marco de virada do processo de de(s)colonização dos currículos. Nesse sentido, a motivação/questionamento principal do projeto de pesquisa que qualifiquei em setembro de 2022 consistia em compreender como se caracteriza o Ensino-Escrita da História no currículo do Ensino Fundamental no que diz respeito à Revolução do Haiti, quanto à marca da colonialidade, atentando para os processos de definição e de(s)colonização dos currículos de história.

Na banca de qualificação foi chamada minha atenção para outros aspectos de meu problema de pesquisa, sobretudo para o recorte muito amplo do mesmo. Desde então, no processo de repensar os percursos de investigação, defini como foco de análise os manuais de professores de história da rede municipal de Pelotas do 8º ano do Ensino Fundamental. Por meio deles pretendo identificar os livros didáticos de história mais utilizados na rede municipal de Pelotas, bem como a forma em que a colonialidade se expressa no componente curricular da Revolução do Haiti nos manuais de professores de história do 8º ano.

A eleição do evento histórico da Revolução do Haiti como foco de pesquisa nos livros didáticos não se trata de uma escolha aleatória. A curiosidade surgiu de uma provocação feita pela professora Ynaê Lopes dos Santos, na terceira aula do curso “Emancipações e Pós-Abolição: Por Uma Outra História do Brasil

(1808-2020)”¹. A professora questionou sobre o quanto sabemos a respeito da história da Revolução do Haiti, processo revolucionário ocorrido na América, em comparação à Revolução Francesa, processo revolucionário que se deu na Europa. É a última, no entanto, que carrega um significado histórico maior, sendo o marco que dá início à História Contemporânea.

É possível dizer que a origem desse desconhecimento acerca do processo revolucionário haitiano é reflexo de um eurocentrismo muito sólido que dá base à Escrita-Ensino da História. Em contraposição a uma perspectiva radicalmente eurocêntrica, pensamos aqui no potencial de(s)colonizador que poderia permear a narrativa histórica de um processo revolucionário ocorrido na América.

Pensar a possibilidade de uma abordagem Amefricana da Escrita-Ensino da História parte das proposições elaboradas por Lélia Gonzalez (1988) em seu artigo “A categoria político-cultural de Amefricanidade” e trata-se de um tensionamento que almejo ser possível a partir da pesquisa que aqui se estrutura. Sendo assim, tal aspecto se converte em nosso novo problema de pesquisa: como elaborar uma Escrita-Ensino amefricana da Revolução do Haiti a partir dos manuais de professores do 8º ano do Ensino Fundamental da rede municipal de ensino de Pelotas-RS?

Ao longo do curso de mestrado, inserida nas discussões do campo do currículo, fiz a opção teórica de utilizar a expressão *Escrita-Ensino* de História de modo a demarcar a indissociabilidade que compreendo fazer parte do trabalho de historiadoras e historiadores. A dicotomia teoria vs ensino ou escrita da história vs Ensino de História – os primeiros como os espaços responsáveis pela construção do conhecimento histórico e os segundo apenas pela sua reprodução – não encontram espaço nas elaborações que pretendemos desenvolver, porque falar de currículo é falar em qual conhecimento queremos priorizar (SILVA, 2021).

No entanto, na banca de qualificação também foi levantada a possibilidade de meu trabalho se encaixar, sim, no campo do Ensino de História, daí a dúvida que dá título a esse texto. Portanto, este resumo consiste em uma expressão do exercício do fazer científico: ser questionada e procurar respostas para perguntas, às quais entendo que podem ser melhor respondidas na medida em que compartilhamos o processo com as/os demais membros da comunidade

¹ Aula do dia 19 de agosto de 2020 intitulada “Cidades escravistas e diáspora negra no Atlântico”. Disponível no canal “Escola História Unirio”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wLS5HtnAm2w>>. Acesso em 8 ago. 2022.

científica. A dissertação está em processo de escrita e os capítulos previstos são: Situando a colonialidade e a decolonialidade; Os manuais de professores de História do 8º ano da rede municipal de Pelotas; Uma defesa por uma *escrita-ensino* de História.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo da história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira De Ciência Política**, n. 11, maio-ago 2013, p. 89–117.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 59 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GOMES, Nilma Lino. Relações Étnico-Raciais, Educação e Descolonização dos Currículos. **Currículo sem Fronteiras**, v. 12, n.1, p. 98-109, jan./abr. 2012.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de Amefricanidade. **Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, v. 92, n. 93, jan./jun. 1988, p. 69-82.

GROSFOGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistêmicos do longo do século XVI. **Revista Sociedade e Estado**. Volume 31. Número 1. Janeiro/Abril 2016, p. 25 a 50.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Flores, 2017, 273p.

KILOMBA, Grada. 1. A Máscara. 2. Quem pode falar? In: KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Traduzido por Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019, p. 33-69.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFOGUEL, Ramón (orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. O que é uma Educação Decolonial? **Nuevamérica**. Buenos Aires, v. 149, jan./mar. 2016, p. 35-39. Disponível em: <<http://www.novamerica.org.br/ong/wp-content/uploads/2019/07/0149.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2021.

OUVIÑA, Hernán. Prólogo. Una brújula para descolonizar(nos). In: GUELMAN, Anahí (Org.); PALUMBO, María Mercedes (Org.). **Pedagogías**

descolonizadoras: formación en el trabajo en los movimientos sociales. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: El Colectivo; CLACSO, 2018, p. 7-18.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo:** a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade:** uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 3.ed. 13. reimpressão, 2021.